

# POR UMA ÉTICA DA EXISTÊNCIA OU A CRIAÇÃO DE ROTAS DE FUGA: POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO EM TEMPOS CONTEMPORÂNEOS.

RUY ANDERSON SANTOS MARTINS - Mestre em psicologia institucional pela  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
E-mail: ruyanderson1@hotmail.Com

LEILA DOMINGUES MACHADO - Professora do Departamento de Psicologia pela  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).  
E-mail: leiladomingues@uol.com.br

**Resumo:** *Este artigo é parte das análises produzidas na dissertação de mestrado e tem como objetivo criar um espaço de crítica e discussão dos modos de vida em vigência na contemporaneidade. Modos velozes e estafantes de viver os quais têm se expandido e exigido cada vez mais força de vida da maioria das populações ao redor do mundo. Desse modo, através do filme argentino 'Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual', intercessor e recurso metodológico deste trabalho, foi levantada uma discussão acerca dessas novas políticas de subjetivação e sobre como criar possíveis ou desvios para tal saturação. Em outras palavras, falaremos sobre a ética da existência enquanto criação de rotas de fuga para vidas cansadas das profusões da contemporaneidade.*

**Palavras-chave:** *Ética. Cinema. Clínica. Subjetividade.*

## INTRODUÇÃO

**O**utra forma de urbanidade vem povoando o estilo atual de viver. Uma urbanidade conduzida por ritmos cada vez mais velozes e tumultuados, comuns aos grandes centros urbanos. Experimentamos modos de vida cada vez mais acelerados e fugazes, os quais atravessam e compõem as nossas relações cotidianas, independente do local onde habitamos. A vida moderna mostra-se sufocante e exaustiva, levando-nos a pensar na necessidade de novos ares, de invenções de dispositivos que dê a ela outras possibilidades.

De acordo com Guattari (1992) o ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Isto é, estamos em meio a uma profusão de mudanças na subjetividade, sendo difícil encontrar um território onde se ‘aportar’, tamanha a velocidade que se processa os estilos de vida, os gostos, hábitos, etc A desterritorialização excessiva nos leva a um sentimento comum, onde tudo ao nosso redor circula tão rapidamente, tornando-se obsoleto num curto período de tempo, criando a sensação de que tudo circula, quando na realidade tudo está petrificado, “um falso nomadismo, que na realidade nos deixa no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue” (GUATTARI, 1992, p.170).

Diante dos excessos que nos invadem, a vida se vê povoada de tarefas intermináveis, numa seqüência sem fim. Carecemos de irrupções do inusitado, o qual insiste em se distanciar dos dias que se sucedem iguais. Dias cada vez mais acelerados e mais idênticos, sincronia e harmonia entorpecente, parecemos prolongar a vida num longo dia que nunca termina. Em meio a esse contexto, são impostas às subjetividades:

[...] a obrigação de reformatar-se rapidamente, antes mesmo que se tenha tido tempo de inteirar-se das sensações que a mudança suscita. Vive-se em estado de tensão permanente, à beira da exasperação, o que faz com que as forças de invenção e de resistência sejam muito freqüentemente convocadas.<sup>1</sup>

Se por um lado estamos imersos num amontoado de tarefas e deveres, por outro, estamos presos à igualdade do mesmo. Dias cheios de novidades, mas novidades que não se diferenciam. O paradoxo do contemporâneo, afirmado por Guattari (1992), é que somos prisioneiro da mudança e da velocidade que trazem a crescente sensação de mesmice.

Ao assumir esses modos de vida fazemos funcionar toda uma lógica de poder que entra num círculo vicioso e embaraçoso, sendo cada vez mais difícil identificar onde começa um problema e onde termina o outro. Começa-se a procurar soluções rápidas e momentaneamente eficazes para diminuir o cansaço, mas são soluções que pouco nos coloca num ponto de mutação, num ponto de colapso com aquilo que nos coage.

<sup>1</sup> ROLNIK, 2004, p. 03.

Nascem assim, em meio a ritmos de cada vez mais velozes, movimentos de impermeabilização dos corpos para tentar sentir um pouco menos. Ao anestesiarmos o corpo diminuimos nossa percepção e sensação, entramos numa linha tênue que nos separa dos fatos em meio às invenções ilusórias e provisórias criadas por essas tecnologias de mercado. Nas palavras de Machado (1999) ao falar dessas subjetividades contemporâneas, ela diz:

A questão é que ansiamos a ordem e repudiamos o caos, a desestabilização de nossas certezas, de nossas verdades. Queremos um escudo protetor que nos afaste do desconhecido e, assim, nos faça manter uma mesma personalidade para o resto da vida<sup>2</sup>

Buscamos por tecnologias que forneçam uma espécie de sossego, um ponto de acalento tão caro e necessário diante das invasões que nos atinge. Somos invadidos por dentro e por fora, por cima e por baixo. Invasões de informações, invasões de obrigações e compromissos, invasões dos excessos de canais de tevê a cabo, do excesso de música disponível no mercado, do excesso de automóveis que circulam, do excesso de barulho que penetra os ouvidos. Criamos assim uma zona, mesmo que artificial, para nos proteger.

Nesse sentido, a questão colocada é: como romper com tais práticas, ou, como criar saídas para lidar com os endurecimentos aos quais estamos expostos pelas redes instituídas socialmente? Como diminuir o peso dos fardos e abandonar o modo exaustivo de viver? Em resposta a isso, torna-se ético encontrar territórios que permitam a afirmação da vida. É preciso encontrar um arejar em meio àquilo que sufoca, isto é, permitir a criação de novos espaços e novos ritmos.

### **Produção de desvios ou sobre como respirar**

No filme *Medianeras*, há uma cidade superpovoada<sup>3</sup>. Milhões de habitantes, milhares de prédios, um sem-fim de desencontros. Uma multidão apressada atravessa as ruas construídas de concreto e automóveis. No desconforto diante do excesso, tudo parece transbordar e nada parece possível. À sua própria medida, cada habitante tenta ao máximo não enlouquecer em meio ao turbilhão de informações e estímulos presentes o tempo inteiro. Abstrair-se dos excessos de estímulos da cidade parece impossível: o barulho se faz presente, as sirenes, os alarmes, os outdoors, as placas luminosas. Um menino tenta andar de bicicleta na sacada minúscula de um apartamento minúsculo. Pessoas se

<sup>2</sup> MACHADO, 1999, p.04.

<sup>3</sup> O presente estudo tem como intercessor e recurso metodológico o filme 'Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual', 2011. Produção da Argentina, Espanha e Alemanha, dirigido por Gustavo Taretto. Partimos de um posicionamento assumido nas pesquisas do Mestrado em Psicologia Institucional da UFES em conexão com o Laboratório de Imagens da Subjetividade, utilizando cinema e imagens como intercessores das discussões dos modos de vida no contemporâneo. Essa pesquisa faz intercâmbio com projetos desenvolvidos no LIS, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup> Leila Domingues Machado.

cruzam e não se vêem. Um cachorro se suicida da janela do prédio. Um homem é atropelado por um veículo ao mesmo tempo em que uma mulher tem parada cardiorrespiratória na calçada. Esses fatos mobilizam os transeuntes, casos ocorridos simultaneamente, acontecimentos denunciatórios dos novos modos de vida que funcionam a todo vapor em tempos contemporâneos.

Falamos de uma cidade cercada de prédios, carros, pessoas, placas e ruas. Uma cidade com nome próprio, uma cidade como outra qualquer. Grande ou pequena, as experiências urbanas atuais levam a ritmos e hábitos semelhantes onde quer que se esteja. Cidades com poucas diferenças entre si, moradores iguais em seu cansaço<sup>4</sup>.

Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. Os subúrbios que me fizeram atravessar não eram diferentes dos da cidade anterior, com as mesmas casas amarelinhas e verdinhas. Seguindo as mesmas flechas, andava-se em volta dos mesmos canteiros das mesmas praças.<sup>5</sup>

No aeroporto o personagem Martin se despede de sua namorada. Ela irá embora e ele presente uma viagem sem volta. Martin tem medo de andar de avião. Martin tem medo da cidade. Ele não anda de ônibus, não anda de táxi e nem de metrô, tudo o assusta. Martin permanece trancado em seu apartamento por dias a fio, sentado diante do seu computador, que parece sua única conexão com o mundo, mesmo que virtual. O mundo atual se mostra grande demais, cheio demais, sufocante demais. “É a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado” (ROLNIK, 1996, p.02).

Martin habita em um apartamento com pouquíssimos metros quadrados. Pouco espaço, poucas possibilidades. Mas ao mesmo tempo sua morada se torna esconderijo para as invasões vindas da cidade lá fora. E mesmo assim seu apartamento se confunde com a cidade. Muitos excessos ali dentro recheando um espaço superlotado de objetos que ele nunca se desfaz. Pilhas de livros, filmes e objetos decorativos. O cachorro herdado da namorada vai aos poucos se rendendo ao cansaço de viver em meio a tantas tralhas. O psiquiatra de Martin o recomenda a fazer passeios e encontrar a beleza oculta nesse amontoado de coisas que compõe a cidade. Martin compra uma máquina fotográfica e sai por aí à procura de belas imagens. Ao sair de casa leva consigo um quite de sobrevivência: Ipod com 8 mil músicas, agenda, preservativo, amoxicilina, rivotril em gotas, ibuprofeno, óculos de sol, capa de chuva, lanterna, pilhas, dinheiro, livro, documentos, manual de instrução para ocorrência de ataques de pânico, canetas, etc. Uma mochila pesada, com 5,8kg, acarretando dores fortes na coluna e o faz acreditar, por meio de uma busca virtual, em uma doença chamada discartrose. Um segundo médico tenta liberá-lo das paranóias do mundo moderno e lhe diz: “Nade, faça exercício, use uma mochila

<sup>4</sup> Essa discussão pretende elucidar alguns aspectos referentes aos modos de vida na contemporaneidade, sem contudo minimizar as diferenças e peculiaridades existentes em cada lugar.

<sup>5</sup> CALVINO, 1990, p.118.

menos pesada. Você não tem nada de grave, nada mesmo. O que acontece é que esses laudos são feitos por jovens que, nos laboratórios e hospitais, só fazem isso. Eles escrevem tudo, sabe? Para se proteger”.

Martin foi se afastando da cidade e das pessoas. Ele diz ter medos, fobias. Nosso personagem está mergulhado no excesso que se expande, mas que não se diferencia. Em meio ao caos nada parece novo, nada parece trazer saídas para esses excessos, tamanha a velocidade como as coisas funcionam: uma sensação constante de se adequar às supostas novidades. Sua única possibilidade foi retirar-se, preservar a si mesmo em sua própria casa. Traçou uma linha imaginária, mas feita de concreto, entre seu mundo e o mundo lá fora que ameaça devorá-lo. Sobre esses modos de vida, Domingues (2010) nos fala de subjetivações à flor da pele, que experimentam um limiar:

Coloca-se um impasse nas subjetivações à flor da pele, não se suporta mais o que antes se suportava e não se sabe o que fazer. O sentido se rachou, as certezas se desfizeram, configurou-se um campo problemático. Como criar outros sentidos? Como criar formas de vida que não sejam adaptações ao cansaço? Pois não se trata de tolerar o que se mostra abominável. Agora o intolerável ganhou visibilidade e passou a ser absurdo não só um certo estado de coisas, mas também tolerá-lo.<sup>6</sup>

Ao lado do prédio de Martin, em outro prédio, mora Mariana. Eles não se conhecem, nunca se viram, mas já se cruzaram. Mariana é arquiteta e sofre porque, no paradoxo da sua profissão, não conseguiu construir nada que de fato fosse dela. Ela trabalha com vitrines e manequins. Não conseguiu construir prédios nem banheiros, do mesmo modo que não conseguiu construir uma relação amorosa, a qual ruiu após durar quatro anos. Mariana estoura bolhas de plástico para que ela mesma não estoure. Tudo ao seu redor a espanta e Mariana está cansada da cidade e dos excessos que a invadem. Em seu apartamento há uma sacada que se confunde com janela e não possibilita a entrada do sol. Com pouca luz e poucas brechas - no seu apartamento e em sua vida - tudo vai ganhando tons de escuridão, cheiro de umidade e de infelicidade:

A vida em Raíssa não é feliz. Pelas ruas, as pessoas caminham retorcendo as mãos, imprecam às crianças que choram, encostam-se nos parapeitos do rio com a cabeça apoiada nas mãos, acordam de manhã com um pesadelo e logo começa outro. [...] Todavia, em Raíssa, sempre há uma criança que da janela sorri para um cão que pulou um alpendre para comer um pedaço de polenta que caiu das mãos de um pedreiro.<sup>7</sup>

Um apartamento sufocante, escuro, pequeno, cheio de caixas, objetos impessoais, manequins, e no meio disso tudo está Mariana, que se confunde com a paisagem. Ela sente-se sozinha, mas não se sente vazia: ela está cheia de tudo isso, excedida pelo tumulto da cidade que, apesar de superlotada, não traz nenhuma esperança de mudança. Mariana conversa com seus manequins. Ela os veste nas vitrines, e em seu apartamento ela conversa com eles. Mariana se relaciona com os manequins, eles

<sup>6</sup> DOMINGUES, 2010, p. 103.

<sup>7</sup> CALVINO, 1990, p. 134.

transam: “Não se iluda, foi só sexo” diz Mariana ao manequim.

Existe uma possibilidade para que Mariana e Martin se encontrem, mas algo precisa se romper antes desse encontro. Ambos estão estafados dos estilos de vida que eles mesmos escolhem, dia após dia. Eles compartilham coisas comuns, sentimentos e sensações. Os esbarrões pela cidade não são fortes o suficientes para que eles se vejam ou se sintam. Nas palavras de Lavrador (2010):

Abrir frestas no caos e traçar planos de composição para dar visibilidade às sensações intensivas, para permitirmo-nos senti-las. Tornar a força insensível sensível. Corpos abertos às sensações singulares. Essa potência estética de sentir faz parte da criação do existente, faz parte da própria vida, ou melhor, ela faz parte da imanência de “uma vida”.<sup>8</sup>

‘Onde está Wally?’ é o livro preferido de Mariana. Em uma cidade habitada pela multidão é preciso encontrá-lo. Foi com esse livro que Mariana passou a ter medo de multidões, de elevadores, da solidão. O novo paradoxo em que Martin e Mariana se encontram é a solidão. Como é possível sentir-se sozinho entre milhões de pessoas? O espaço entre um prédio e outro separa Martin de Mariana, e entre eles as medianeras, firme em sua concretude. Dois vizinhos, dois prédios, e a dureza do concreto que parece impenetrável.

As medianeras são as paredes laterais dos prédios. Um espaço desperdiçado porque nada pode ser feito com ele. Propagandas são postas ali, o que tornam a cidade ainda mais tumultuada. Paredes inúteis vão se tornando a única possibilidade de escape a essa escuridão que atravessa apartamentos e vidas cansadas de si mesmas. Abrir pequenas janelas nas medianeiras é a rota de fuga<sup>9</sup> encontrada pelos habitantes desta cidade. São janelas ilegais, indevidas. “Ilegal, como toda rota de fuga”, diz Mariana.

O que por vezes, não conseguimos perceber é que a terra quando tornada por demais ressequida se estilhaça, se abre, se fragmenta. As fendas se espalham pelo solo e criam outros contornos. No extremo do endurecimento, a terra se rasga, se sulca, se fende. No ápice da petrificação ela se afrouxa, se distende, se esfarela.<sup>10</sup>

Essas minúsculas janelas abertas permitem que raios de luz entrem e iluminem o apartamento e a vida dos seus moradores. Essa abertura na medianera admite um escape aos modos urbanizados de viver que tendem a tirar o fôlego, a energia. Janelas abertas ilegalmente, mas que não se tornam uma ilegalidade, e sim uma ética para com a existência que precisa perseverar. Há uma ilegalidade nas

<sup>8</sup> LAVRADOR, 2006, p. 39.

<sup>9</sup> A rota de fuga da qual falamos se conecta à linha de fuga proposta por Deleuze e Guattari (1996), sendo ela não apenas uma fuga por medo ou desistência, mas um fuga criativa, criada em conexão com o real. *Fugir, mas ao fugir, procurar uma arma* (p. 164). Nas palavras de Deleuze e Parnet a linha de fuga “é antes o facto e o direito do intempestivo: um tempo não medido, uma heciedade como um vento que se levanta, uma meia-noite, um meio-dia” (DELEUZE e PARNET, 2004, p. 164)

<sup>10</sup> DOMINGUES, 2010, p. 103.

rotas de fuga, uma traição às normatizações sociais. Para Deleuze e Parnet (1996) esse movimento de ruptura pode ser entendido enquanto uma potência de traição. Isto é, para lidar com movimentos de captura das redes institucionais que nos modulam, é preciso trair essas redes, esses emaranhados que recaem sobre nós. “É que trair é difícil, é criar. É preciso perder a identidade, o seu rosto. É preciso desaparecer, tornar-se desconhecido”. (DELEUZE e PARNET, 1996, p.60).

Uma linha que se irrompe para dar vazão à potência de vida. A ilegalidade moralizadora das janelas abertas nas medianeras é, ao mesmo tempo, a ética produtora de novos sentidos de existência. Uma rota de fuga, uma linha de ruptura, um perseverar da vida. A janela se destoa da sua função comum e devém liberdade.

Em Raïssa, cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e se desfaz, depois volta a se estender entre pontos em movimento desenhando rapidamente novas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe.<sup>11</sup>

Após aberta uma janela nas medianeras, isto é, após abrir fendas no concreto endurecido de vidas endurecidas, as novas janelas formam uma linha suave entre o prédio de Martin e o de Mariana, que somente agora, através das janelas ilegais, conseguem enxergar um ao outro pela primeira vez. Tudo parece o mesmo, mas tudo mudou. Algo se desfez. A luz que atravessa as medianeras penetra apartamentos e vidas. O vento refresca e abre uma nova possibilidade de experimentação e de vida. Os prédios não são mais os mesmos, nossos personagens também não. Eles criaram para si um escape, produziram uma ética da existência.

É nesse sentido, perante esses modos urbanizados de viver, na busca de brechas para a exaustão, que se faz necessário dar passagem à potência criadora. Torna-se uma postura ética para com a vida inventar o que estamos chamando de rotas de fuga. Rotas potentes que permitam o escape aos processos adoecedores de viver, escape às lutas cotidianas que minimizam a potência de existir no mundo.

---

<sup>11</sup> CALVINO, 1990, p. 135.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 2 ed. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água, 2004.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suley Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.3.

DOMINGUES, L. **À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina – Editora da UFRGS, 2010.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed.34, 1992.

LAVRADOR, M.C.C. **Loucura e vida na contemporaneidade**. Tese de Doutorado. PPGP/UFES, 2006.

MACHADO, L. D. Subjetividades Contemporâneas. *In*: BARROS, M. E. B. de (Org.). **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, 1999, p. 211-229.

MEDIANERAS: Buenos Aires na era do amor virtual. Direção: Gustavo Taretto. Direção de fotografia: Leandro Martínéz. Argentina, Alemanha e Espanha: Imovision, 2010 [produção]. Rizoma Films. 1 DVD (95 min), Título Original: Medianeras.

TOXICÔMANOS de identidade: subjetividade em tempo de globalização. **Folha de São Paulo**, São Paulo, maio de 1996. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>>.

ROLNIK, S. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. *In*: FONSECA, T.M.G. e ENGELMAN, S. (Orgs). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.